

I

Em 1888, o senhor von Pasenow tinha setenta anos e havia pessoas que experimentavam um sentimento de repulsa estranho e inexplicável quando o viam aproximar-se nas ruas de Berlim e que, levadas por essa repulsa, afirmavam até que este velho era de certeza uma pessoa malvada. Baixo, mas bem proporcionado, sem ser um idoso escanzelado nem um pote de banha: era muito bem apessoado e o chapéu alto que costumava usar em Berlim não lhe dava um aspecto minimamente ridículo. Usava a barba à maneira do imperador Guilherme I, mas mais aparada, e, nas suas faces, não se via nada da lanugem branca que dava ao imperador um ar bonacheirão; mesmo o cabelo, quase sem entradas, só apresentava alguns fios brancos; apesar dos seus setenta anos, o cabelo mantivera o louro da juventude, aquele louro avermelhado que faz lembrar palha a apodrecer e que, na verdade, não fica bem a um homem idoso, que seria mais agradável imaginar com uma cabeleira mais digna. Mas o senhor von Pasenow estava habituado à cor do seu cabelo e mesmo o monóculo de maneira nenhuma lhe parecia demasiado juvenil. Quando olhava para o espelho, reconhecia o mesmo rosto que, cinquenta anos antes, o olhara de volta. Mas, se o senhor von Pasenow não estava destarte insatisfeito consigo próprio, a verdade é que há pessoas a quem o aspecto exterior deste velho desagrada e que também não são capazes de compreender que alguma vez tenha havido uma mulher a olhar para este homem com olhos desejosos, a abraçá-lo com paixão, e o máximo que estão dispostas a conceder-lhe são as criadas polacas da sua herdade, na suposição de que ele as tenha abordado com aquela agressividade um pouco histérica e, no entanto, despótica que muitas vezes é própria de homens pequenos. Fosse isto verdade ou não, era, pelo menos, a opinião dos seus dois filhos, da qual, evidentemente, nunca teria comungado. Além disso, a opinião dos filhos muitas vezes é subjectiva e seria fácil acusá-los de injustiça e parcialidade, apesar do sentimento algo incómodo com que se pode ficar dominado à vista do senhor von Pasenow, uma incomodidade estranha que ainda aumenta quando o senhor von Pa-

senow já passou e se fica, por acaso, a segui-lo com a vista. Talvez isso se deva a que, assim, se fica sem a mínima certeza quanto à idade deste homem, uma vez que ele não se move como um velho nem como um jovem, nem como um homem na força da vida. E, como a dúvida gera mau humor, não é impossível que um dos transeuntes sinta que essa maneira de andar é pouco digna e não será caso para admirar que se ponha então a escarnecer dela como arrogante e vulgar, como prova de uma afoiteza débil e de uma correcção presunçosa. É uma questão de temperamento, evidentemente; mas é fácil de imaginar que um jovem cego pelo ódio queira regressar atrás a correr para enfiar uma bengala entre as pernas daquele que vai a andar assim, fazê-lo cair seja como for, partir-lhe as pernas, destruir para sempre uma tal maneira de andar. Ele, porém, caminha com um passo muito rápido e rectilíneo, de cabeça erguida, como é costume das pessoas pequenas, e, como vai também todo empertigado, projecta a barriguinha um pouco para diante, quase poderia dizer-se que a transporta à sua frente, mais até, que leva assim toda a sua pessoa para algures, uma prenda desconchavada que ninguém quer. Simplesmente, como um símile não explica nada, impropérios assim não têm fundamento e talvez uma pessoa se arrependa deles enquanto não descobre a bengala junto às pernas. A bengala move-se ritmicamente, eleva-se quase à altura dos joelhos, descansa no chão com uma breve pancada seca e ergue-se de novo, com os pés a acompanhar. E também estes se erguem mais do que é costume, a ponta do pé vai virada um bocadinho de mais para fora, como se, por desprezo pelas pessoas que passam, quisesse mostrar-lhes a sola do sapato, e o tacão poussa na calçada com uma breve pancada seca. Assim, pernas e bengala vão lado a lado e é fácil imaginar que, se aquele homem tivesse vindo ao mundo como um cavalo, teria sido um cavalo marchador; mas o mais terrível e mais repugnante é que é um marchador de três pernas, uma trípole que se pôs em movimento. E é horrível pensar que esta intencionalidade de três pernas tem de ser tão falsa como esta linearidade e este impulso de avançar: dirigida para o nada! Pois ninguém com intenções sérias anda assim e se, por um momento, não pode deixar de pensar-se num agiota que vai à casa do pobre para cobrar dívidas à força, sabemos, mesmo assim, de imediato que isto seria demasiado pouco e demasiado terreno, aterrados com o reconhecimento de que é assim que o demónio faz as suas deambulações, um cão que manqueja sobre três patas, que este é um andar a direito em ziguezague... basta; tudo isto se pode descobrir quando se disseca a forma de andar do senhor von Pasenow com um ódio extremoso. Mas, no fim de contas, isso é uma coisa que pode tentar-se com a maior parte das pessoas. Há sempre algo que bate certo. E, se é verdade que o senhor von Pasenow também não andava sempre esbaforido, pelo contrário, ocupava tempo de sobra a cumprir as obrigações decorativas e outras que um rendimento

tranquilo e seguro acarreta, ele era sempre em tudo — estava-lhe na massa do sangue — uma pessoa atarefada e não lhe passava pela cabeça andar propriamente a flunar. E, quando vinha a Berlim, duas vezes ao ano, não tinha mãos a medir. Neste momento, estava a caminho para se encontrar com o filho mais novo, o primeiro-tenente Joachim von Pasenow.

Sempre que Joachim von Pasenow se encontrava com o pai, vinham à tona memórias de juventude, nada mais natural, mas o que sobretudo ganhava nova vida eram os acontecimentos que haviam precedido o seu ingresso na Escola de Cadetes de Culm. É certo que eram apenas fragmentos de recordações que emergiam fugidamente, e coisas importantes misturavam-se, de maneira desregrada, com coisas sem importância. Assim, não tem, seguramente, a mínima importância e é supérfluo referir o feitor Jan, cuja imagem, embora ele fosse uma figura completamente secundária, se metia à frente de todas as outras. Isto pode dever-se ao facto de Jan não ser verdadeiramente uma pessoa, mas sim uma barba. Podia ficar-se a olhar para ele horas a fio a pensar se havia um ser humano por detrás daquela paisagem hirsuta cheia de moitas impenetráveis, embora macias. Mesmo quando Jan falava — mas ele não falava muito —, não se tinha a certeza disso, porque as palavras nasciam atrás da barba como por detrás de uma cortina e podia perfeitamente ter sido outra pessoa a pronunciá-las. O mais emocionante era quando Jan bocejava: a superfície peluda escancarava-se num sítio determinado, mostrando que este era o mesmo local por onde Jan costumava introduzir alimentos no seu corpo. Quando Joachim veio ter com ele a correr para lhe contar que ia ingressar na Escola de Cadetes, ele estava justamente a comer, ficou sentado, a cortar pedacinhos de pão e a ouvir em silêncio. Finalmente, disse: “Bem, e o jovem amo está contente?” E Joachim dera-se então conta de que não estava nada contente; apetecia-lhe mesmo chorar, mas, como não havia um motivo imediato para isso, limitara-se a acenar com a cabeça e a dizer que estava feliz.

Depois, havia também a Cruz de Ferro, que estava pendurada no grande salão, encaixilhada atrás de um vidro. Provinha de um Pasenow que exercera funções de comando em 1813. Como já lá estava pendurada na parede, não era fácil de perceber porque é que houvera tanto alvoroço quando o tio Bernhard também recebeu uma. Joachim ainda hoje se envergonhava por, naquela altura, ter sido tão estúpido. Mas talvez então estivesse simplesmente irritado por lhe quererem fazer engolir mais facilmente a Escola de Cadetes com a ideia da Cruz de Ferro. O facto é que o irmão dele, Helmuth, teria sido mais indicado para a Escola e, apesar de, desde então, ter já decorrido muito tempo, Joachim achava que era ridículo o primogénito ter de ser destinado a lavrador, mas o mais jovem ir para oficial. A Cruz de Ferro era-lhe indiferente, mas Helmuth ficara doidamente entu-

siasmado quando o tio Bernhard tomara parte no assalto a Kissingen com a Divisão Goeben. De resto, nem sequer se tratava de um verdadeiro tio, mas de um primo do pai.

A mãe era mais alta do que o pai e toda a gente da herdade lhe obedecia. Era estranho como Helmuth e ele faziam tão pouco caso do que ela dizia; nisso, saíam ao pai. Faziam orelhas moucas ao constante e indolente “não façam isso” dela e só se irritavam quando acrescentava: “Vejam lá, ao menos que o pai não vos apanhe.” E não tinham medo quando ela usava o seu último expediente: “Agora é que vou mesmo dizer ao pai”, e também praticamente não tinham medo quando ela cumpria a ameaça, pois tudo o que o pai fazia então era lançar-lhes um olhar zangado e seguir caminho com o seu andar hirto e rectilíneo. Era um castigo justo para a mãe por tentar aliar-se a um inimigo comum.

Naquela época, ainda estava em funções o antecessor do pastor actual. Tinha umas suíças de cor branco-amarelada, que quase não se destacavam da cor da pele, e quando, nos dias de festa, vinha almoçar, costumava comparar a mãe com a rainha Luise no meio do seu rancho de filhos. Isto era um pouco ridículo, mas, mesmo assim, ouvia-se com orgulho. Ora, para cúmulo, o pastor ganhara o novo hábito de pôr a mão sobre a cabeça de Joachim e dizer “jovem guerreiro”, porque toda a gente, mesmo a ajudante de cozinha polaca, andava já a falar da Escola de Cadetes de Culm. Apesar disso, Joachim ainda estava à espera de uma decisão definitiva. À mesa, a mãe dissera que não estava a ver a necessidade de mandar Joachim; assim como assim, ele poderia entrar mais tarde como aspirante; sempre fora assim e assim é que sempre se fizera. Mas o tio Bernhard replicara que o novo exército precisava de gente capaz e um rapaz como deve ser ia de certeza gostar de Culm. O pai mantivera-se num silêncio desagradável — como sempre que a mãe dizia alguma coisa. Não fazia caso dela. Só no dia de aniversário da mãe, quando batia no copo, pedia emprestada a imagem do pastor e chamava-lhe a sua rainha Luise. Talvez a mãe se opusesse mesmo à sua ida para Culm, mas não se podia confiar nela, acabava sempre por se pôr do lado do pai.

A mãe era muito pontual. Nunca faltava à hora da ordenha no estábulo, à hora de ir recolher ovos no pátio das galinhas, de manhã estava invariavelmente na cozinha e, à tarde, na lavandaria, onde fazia o rol da roupa engomada com as criadas. Fora nessa altura que ele, na realidade, ficara a saber. Estivera com a mãe no estábulo das vacas, tinha o nariz cheio do cheiro pesado a estábulo, quando saíram para o ar frio do Inverno e o tio Bernhard, atravessando o pátio, veio ao encontro deles. O tio Bernhard ainda usava bengala; depois de um ferimento, podia usar-se bengala, todos os convalescentes usam bengala, mesmo quando já não coxeiam assim tanto. A mãe parara e Joachim segurou-se à bengala do tio Bernhard. Ainda

hoje se recordava com nitidez do castão de marfim ornado com um brasão. O tio Bernhard disse: “Dê-me os parabéns, prima, acabo de ser promovido a major.” Joachim ergueu os olhos para o major; ele era até mais alto do que a mãe, empertigara-se com uma pequena sacudidela, a jeitos que altiva, mas regulamentar, parecia ainda mais marcial e mais hirto do que de costume e talvez estivesse agora ainda mais alto, fosse como fosse, ligava melhor com ela do que o pai. Tinha uma barba inteira bem aparada, mas com a boca à vista. Joachim ficou a pensar se era uma grande honra ter permissão para segurar na bengala de um major e decidiu-se a ficar um pouco orgulhoso. “Sim”, continuou o tio Bernhard, “mas agora os belos dias em Stolpin também terminaram.” A mãe disse que isto era uma boa e uma má notícia ao mesmo tempo, uma resposta complexa, que Joachim não percebeu bem. Estavam no meio da neve; a mãe trazia o seu casaco de peles castanho, que era tão macio como ela, e os cabelos louros espreitavam-lhe debaixo do gorro de pele. Joachim alegrava-se sempre por ter o cabelo louro como a mãe; isso queria dizer também que ia ser mais alto do que o pai, talvez tão alto como o tio Bernhard, e quando este apontou para ele: “Então não tarda que vamos ser camaradas sob a farda do Rei”, esteve completamente de acordo por um momento. Mas, como a mãe se limitou a suspirar e não manifestou nenhuma objecção, submetendo-se exactamente como se estivesse diante do pai, largou a bengala e foi a correr ter com Jan.

Com Helmuth, era impossível discutir a questão; ele tinha-lhe inveja e falava como os adultos, que diziam todos que um futuro soldado devia estar contente e orgulhoso. Jan era o único que não era hipócrita e traidor; limitara-se a perguntar se o jovem amo estava contente, sem fazer de conta que acreditava nisso. É claro que a intenção dos outros e também de Helmuth era, provavelmente, simpática, só queriam consolá-lo. Joachim nunca conseguira reconciliar-se com o facto de, no seu íntimo, ter estado convencido naquele momento da traição e hipocrisia de Helmuth; pois, se era verdade que quisera logo redimir-se e lhe oferecera todos os seus brinquedos, o certo é que não podia levá-los para a Escola de Cadetes e não era uma desculpa. Oferecera-lhe também metade do pônei que pertencia aos dois rapazes, de modo que Helmuth possuía agora um cavalo inteiro só seu. Estas semanas foram um período cheio de premonições, mas, apesar disso, foram boas; nunca, nem antes nem depois, alguma vez fora tão amigo do irmão. Depois, é certo, houve o acidente do pônei: durante este período, Helmuth renunciara aos seus novos direitos e Joachim podia dispor do pônei sozinho. Não era uma renúncia com muito significado, porque, nestas semanas, o solo ficara mole e fundo e era rigorosamente proibido cavalgar pelos campos com um solo assim. Mas Joachim sentia o privilégio de quem está a despedir-se e como, além disso, Helmuth estava de acordo,